

Macroeconomia

OUTUBRO DE 2019

1. INTRODUÇÃO

Quem não tem China, caça com Japão: se o acordo com os chineses ainda continua no “pode acontecer”, os americanos e japoneses celebraram um acordo sobre produtos agrícolas, envolvendo eliminação de tributos de ambos os lados para fortalecer o comércio bilateral entre eles.

Já o Brasil está com uma grande comitiva viajando pela Ásia em busca de acordos e ampliação de mercados, passando por Japão, China e países do Oriente Médio, assinando 8 acordos bilaterais com os Emirados Árabes Unidos.

O Parlamento Europeu se pronunciou contrário à importação de certas variedades de

milho e de soja transgênicos, usando o argumento da preservação ambiental, citando que esses produtos são causadores de desmatamento na América do Sul.

A primeira reforma finalmente foi concluída no Brasil, a reforma previdenciária, mas ainda assim há certos pontos que podem afetar o agronegócio e que serão desenvolvidos mais adiante.

A América Latina vem apresentando muitos tumultos: são vários protestos, eleições na Argentina e eleições com problema na Bolívia, mas o acordo do Mercosul com a União Europeia deve sair.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

Nos EUA, novo corte de juros em 25 bps, para um valor entre 1,5% e 1,75%. Isso aquece a economia e sinaliza favoravelmente aos exportadores brasileiros, pois as empresas de lá devem comprar mais insumos e as famílias, mais bens de consumo.

Além disso, o país cresceu acima do esperado no terceiro trimestre, crescendo 1,9%, diminuindo, assim, a possibilidade de recessão e melhorando o ânimo do investidor.

Bons movimentos foram feitos a favor de um acordo entre EUA e China: o presidente Donald Trump chegou a dizer que será o melhor acordo que os produtores americanos poderiam ter. Mas como nem tudo são flores, o acordo, que deveria ser formalizado na reunião da APEC, a ocorrer no Chile, mas como o país sofre com uma onda de protestos, a reunião acabou sendo cancelada.

O dólar segue bem valorizado perante algumas moedas do mundo, devido ao sentimento de segurança que a moeda norte-americana tem para os investidores, em um momento de incertezas quanto ao Brexit e à guerra comercial.

Mesmo com os juros baixos, a Europa segue com um crescimento bem baixo e uma inflação também baixa. Especialistas esperam mais estímulos, mas mais estímulos do que os que o Banco Central Europeu já vem dando nos últimos anos? Seguir a mesma estratégia, que

já se mostrou insuficiente para recuperar o fôlego da economia do bloco?

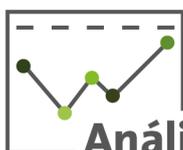
A taxa de juros já é negativa para depósitos overnight, e pela teoria, deveriam voltar aos termos pré-crise em alguns anos, mas continuaram baixos, sem gerar crescimento. Há pedidos, então, por intervenção local, que seria feita pelos países que já apresentam superávit, como Holanda e Alemanha.

A China apresentou dados ruins acerca da sua atividade industrial, sendo 6 meses de arrefecimento e o menor crescimento econômico em 30 anos. Isso deve acelerar o acordo com os EUA, e deve levar a novas políticas de estímulo ao setor privado.

O Banco do Japão acabou evitando um corte de juros, dizendo que não há espaço para isso na economia japonesa, todavia há a possibilidade de novos instrumentos de estímulo econômico, o que seria bom para os exportadores de milho, carne e café.

A Tailândia acabou se tornando vítima da política comercial americana, que retirou da lista de produtos sem imposto de importação cerca de US\$1,3 bi, gerando desvalorização na moeda e desvalorização do arroz no mercado.

O Chile sofre com protestos, que foram iniciados por grupos políticos opositores ao liberalismo e que conseguiram insuflar parte da população pela queda de qualidade nos serviços públicos, após o governo Bachelet, além da crise hídrica, que matou animais e pode



Macroeconomia

OUTUBRO DE 2019

gerar demanda por carne e leite brasileiros, visto que a Argentina como parceira comercial é uma incógnita.

A vitória do peronista Alberto Fernandez, na Argentina, preocupa o agronegócio local: as retenções, que estavam sendo reduzidas, foram políticas kirchneristas, que acabaram tendo efeito negativo para os produtores agrícolas. Foi imposto também um limite para compra de dólares, pois já antes das eleições houve uma corrida para os bancos para troca de pesos argentinos pela moeda norte-americana.

O México, tal qual o Brasil, está com o crescimento baixo, o que levou o presidente do país a pedir ao parlamento americano a aprovação do USMCA, o que poderia dar um

crescimento maior no PIB local, em um momento de grande tumulto interno.

Os preços do petróleo se mantiveram estáveis em outubro, começando o mês em US\$ 55,71 e terminando em US\$ 59,93 o barril. Houve um aumento de valores após o possível acordo entre EUA e China, e o valor só não terminou o mês mais alto pelo excesso de estoques divulgado pelos americanos.

Os preços agrícolas se mantiveram estáveis em setembro, com o índice da FAO de alimentos estável também nos cereais, com os únicos destaques o açúcar, por queda de 3,84% causada pelos estoques indianos, e os óleos vegetais, que com demanda em alta, ratificou aumento de 1,34%.

3. BRASIL

Segundo o Boletim Focus do dia 25 de outubro, o crescimento do PIB em 2019 teve sua expectativa aumentada para 0,91% após a reforma da Previdência ter sido aprovada, visto que, apesar de vir mais tarde que o esperado e ter um efeito prático reduzido para 2019, melhora os ânimos e incentiva que sejam feitos novos investimentos no Brasil.

Ainda segundo o mesmo relatório, a inflação de 2019 está estimada em 3,29%, ou seja, abaixo da meta de 4,25%. Com essa nova queda, houve uma nova redução de juros, buscando assim maior crescimento através de mais investimentos produtivos e longo prazo.

Como o relatório passado foi basicamente sobre efeitos da queda de juros sobre a economia e sobre o agronegócio, segue apenas a informação de que os juros foram reduzidos de 5,5% para 5%.

O dólar iniciou outubro cotado a R\$ 4,16, mas houve valorização do real perante a moeda americana, fechando o mês em R\$ 3,98, com a melhora das expectativas de recuperação econômica do Brasil.

O desemprego no Brasil caiu 0,2%, passando para 11,8% no terceiro trimestre, atingindo 12,5 milhões de brasileiros. A renda média do trabalhador teve aumento de 0,1% em relação ao mesmo período do ano anterior, mas a massa de renda cresceu bastante.

As commodities tiveram queda tanto no Brasil quanto fora dele: o IC-Br, subiu 5,23% em setembro em relação a agosto, com agropecuária, metais e energia subindo

bastante; já o índice internacional se manteve estável no mesmo período.

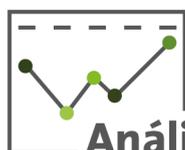
As exportações do agronegócio brasileiro em setembro foram de US\$7,7 bilhões, impactados pela redução chinesa nas compras de soja. Apesar disso, a carne bovina bate recordes de exportação, com dados parciais excelentes para outubro.

Nesse mesmo mês, o agronegócio registrou superávit de US\$ 6,7 bilhões, redução de 4,13% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Como o superávit total foi de R\$2,26 bilhões, percebe-se que outros setores acabaram puxando esse valor para baixo, por serem deficitários.

Com a reforma da previdência aprovada, aparentemente o agronegócio escapou da taxaço nas exportações, mas tanto a questão do fim da Lei Kandir e a cobrança do FUNRURAL sobre a exportação, que ainda não foram retiradas da PEC paralela da Previdência, apesar dos pedidos da bancada do agronegócio e do provável definição em favor do setor agropecuário pelo Ministério da Economia.

Na contramão dessa ideia do Senado, o estado de Santa Catarina reduzirá o ICMS cobrado sobre aves e suínos, o que, se aprovado pela assembleia de deputados locais, trará maior competitividade para essa atividade no estado, que é um dos maiores produtores brasileiros de aves e suínos.

A MP do fundo de aval fraterno, que é um fundo criado por associações com a participação de instituições financeiras. Não há



Análise MENSAL

Macroeconomia

OUTUBRO DE 2019

uma normatização desse tipo de fundo, o que pode trazer insegurança jurídica para o seu funcionamento.